

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



DO PACOTE TECNOLÓGICO À INVASÃO CULTURAL: REFLEXÕES FREIREANAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Marlon Antônio Bianchini

Hosana Hoelz Ploia

Morgana Pereira da Costa

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo Temático 03: Educação em espaços não-escolares, justiça socioambiental e movimentos sociais

Com a chamada “Revolução Verde” ocorrida nos anos 60, o campo foi invadido pela tecnologia de guerra que prometia combater a fome e a miséria, através do aumento da produtividade na agricultura brasileira. Ao contrário da narrativa construída, a “Revolução Verde” não diminuiu a fome, pois produziu commodities para exportação; também não diminuiu a miséria, afinal de contas, os insumos e as máquinas eram produzidos por multinacionais e grandes empresários e, portanto, a riqueza concentrou-se nas mãos de poucos. A partir de então, os/as agricultores/as familiares e camponeses/as passaram a ser duramente oprimidos/as por um sistema de produção que impunha ao campo a necessidade de adquirir o pacote tecnológico, e por isso, àqueles/as que não tinham condições de adquirir, ou não quiseram, foi inculcada a ideia do “atraso”.

Por conta disso, o êxodo rural acentuou-se, marcando um processo histórico de desocupação das áreas rurais. Os/as agricultores/as que permaneceram no campo precisaram escolher entre adquirir o pacote através de financiamentos, inserindo-se nos sistemas integrados de produção, ou, então, encontrar alternativas para sua permanência, através da produção de alimentos, por exemplo.

Esse contexto, além do abandono do campo, significou a exploração dos recursos naturais, o apagamento da cultura local e dos saberes tradicionais. Este aspecto influencia o meio rural até os dias atuais, já que os/as jovens passaram a se identificar cada vez menos com o campo, tido como sinônimo de atraso de ciência e de tecnologia. Nos dias atuais, discute-se muito a chegada de tecnologia no campo, como o uso de GPS e de drones, até da inteligência artificial. Reconhecemos a importância da tecnologia na contemporaneidade, bem como sua necessidade e capacidade de qualificar os processos, incluindo o campo, em áreas rurais mais distantes e mesmo sua importância na agricultura.

Entretanto, nesta escrita, nos preocupamos em suscitar algumas reflexões sobre a educação do campo como uma necessidade ao enfrentamento da invasão cultural, ocorrida através da inserção destas tecnologias no campo. Nesse sentido, objetivamos apresentar algumas situações-li-

mites quanto à agregação da tecnologia ao contexto local do campo, assumindo-a, de antemão, enquanto meio integrador de qualidade de vida e não como ferramenta de supressão da cultura local. Situamos nosso fundamento teórico-epistemológico na educação libertadora de Paulo Freire, especialmente sua obra *Extensão ou Comunicação?*, de 1983.

Invasão Cultural e Agricultura

Como mencionado, a invasão cultural no campo brasileiro pode ser compreendida também nas circunstâncias que envolvem o final da Segunda Guerra Mundial e o início da “Revolução Verde”. Na atualidade, percebe-se a construção de uma nova perspectiva no campo, impulsionada pela indústria cultural através do que chamam de “agro”, cuja atuação se encontra em apresentar um campo que é moderno, tecnológico, extremamente produtivo e cientificizado. Entendemos que essa situação está imbuída da construção de um novo cenário na identidade do campo, especialmente no que tange a juventude e a educação nestes espaços. Para compreendermos este processo de invasão cultural, faz-se necessário evocarmos Paulo Freire:

Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores (Freire, 1983, p. 26).

Deste modo, a invasão cultural implica na superposição do modo de vida dominante aos sujeitos de determinado contexto outro. Considerando Freire (1993), no cenário atual, é possível percebê-la na desvalorização dos saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração e fundamentais para a continuidade da agricultura familiar e camponesa ao longo da história. Identificar a melhor fase da lua para plantar hortaliças, ouvir o coaxar da rã como prenúncio de chuva ou procurar água com a forquilha, são alguns dos saberes tradicionais que foram passados de mãe para filha, de avô para neto e que, com o tempo, vêm sendo esquecidos. Além disso, o raciocínio lógico e a aplicação matemática às demandas cotidianas sempre foram características constitutivas dos/das agricultores/as, estabelecendo-se como pilares na construção de diversas tecnologias camponesas. Estas tecnologias, desenvolvidas ao longo de 10 mil anos de agricultura, colocavam os sujeitos como protagonistas de sua própria história, elaborando alternativas populares de produção e de vida. Contudo, estes saberes, especialmente a partir da década de 1960, passaram a ser interpretados como atrasados. Em grande medida, isso ocorreu devido à introdução de novos conhecimentos no campo, considerados “superiores”, que hierarquizam os saberes e rotularam a tradição local como algo obsoleto, não moderno e incompatível com o ideário do “agro”.

O século XXI tem sido marcado pela aceleração destas tecnologias, que chegam com facilidade no campo, especialmente por meio da extensão rural, no caso da agricultura. No âmbito cultural, contudo, elementos como a música do momento, o estilo de vestimenta e a caminhonete tornam-se símbolos de uma identidade fortemente impulsionada pelas redes sociais, configurando uma nova face da indústria cultural. Um exemplo emblemático encontra-se no slogan “O Agro é Pop”, expressão amplamente difundida para se referir à agricultura, como se esta representasse um espaço homogêneo. Embora amplamente compartilhada por jovens do campo e da cidade, tal narrativa raramente é questionada. Afinal, quem é o Agro? O que ele produz? Ele alimenta

alguém? A quem ele favorece?

Nesse contexto, a tecnologia - assim como a “moda” - não se populariza por necessidade, mas como instrumento de inserção simbólica de um mundo construído para ser percebido como ideal, moderno e permanentemente “atualizado”. No entanto, o que se instala, de fato, é um produto cultural que invade o campo e molda subjetividades.

Freire (1983) alerta para a ação antidialógica dos invasores, que se manifesta na manipulação de instrumentos como propagandas, *slogans* e outras estratégias voltadas à domesticação dos sujeitos, e, portanto, à sua desumanização. Essa compreensão mantém-se atual: por meio das redes sociais, constrói-se uma nova identidade dos/das jovens agricultores/as, um perfil que, muitas vezes, não dialoga com o território em que vivem.

Para Freire (2005), uma postura humanista pode ser, ao mesmo tempo, tecnológica, pois a tecnologia é o que fazemos dela. Enquanto conceito filosófico, a tecnologia é expressão do trabalho e da capacidade humana de criar e projetar; e, como função social, deve servir ao coletivo (Pereira, 2021). Assim, a apropriação crítica da tecnologia pelos sujeitos oprimidos/as - em seus processos de luta pela produção e manutenção da vida material e simbólica no campo - pode se manifestar como um inédito viável frente ao contexto de invasão cultural.

Dessa forma, é necessário reconhecer a importância da tecnologia para a agricultura familiar e camponesa. Ela pode ser utilizada de múltiplas maneiras, agregando valor a uma agricultura comprometida com o meio ambiente, com as pessoas e com a cultura local. Para tanto, é fundamental considerar as características locais, bem como as distintas realidades e a necessidade de cada grupo social e território, respeitando os modos de vida e os saberes que lhes são próprios.

Considerações Finais

Nessa perspectiva, compreendemos como inédito viável da educação do campo a formação de jovens críticos/as, capazes de adaptar as tecnologias ao seu contexto e à sua realidade, sem apagar a cultura local nem os conhecimentos herdados de seus antepassados, pois:

O homem (*sic*), como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isto que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. Há, portanto, uma sucessão constante do saber, de tal forma que todo novo saber, ao instalar-se, aponta para o que virá substituí-lo (Freire, 1983, p. 31).

Para isso, faz-se necessário o fomento à educação do e no campo, permitindo aos/às jovens uma formação contextualizada, vinculada à vida cotidiana e ao território onde nasceram. Isto parece-nos fundamental para a formação de sujeitos críticos, capazes de pensar com o lugar onde seus pés pisam, sem negar suas origens em busca de um ideal de mundo alheio à realidade. É imprescindível, nesse processo, frear o fechamento de escolas do campo, promover o surgimento de políticas públicas específicas e pensar um projeto político-pedagógico que valorize os saberes tradicionais, as tecnologias alternativas no campo e a identidade dos/as agricultores/as e camponeses/as.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo; Saberes; Situações-limites; Tecnologia; Território.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. Pensar a técnica e a tecnologia com Álvaro Vieira Pinto: contribuições para o ensino da filosofia no ensino médio profissional. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 75, p. 1563-1591, set./dez. 2021.